

## PIONEIROS



*Victor Alegria*

# Um incentivador da cultura nos primeiros anos da nova capital

Reprodução do livro *A epopeia da construção de Brasília*



BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL DO CORREIO

Em Portugal, país de origem, Victor Alegria, hoje com 67 anos, ouvia falar de uma cidade fantástica que havia sido inaugurada como a nova capital do Brasil. Os oportunistas aproveitavam o momento e, de lá, vendiam terrenos até dentro do Lago Paranoá. Cansado das constantes perseguições da ditadura salazariana, Alegria escolheu o Brasil para se refugiar. Desembarcou no Rio de Janeiro no primeiro dia de dezembro de 1963 já com a idéia de conhecer o tão falado Distrito Federal.

A chegada na capital da República aconteceu quinze dias mais tarde. Alegria encantou-se com os grandes espaços abertos da cidade e da proximidade entre os poucos moradores que viviam aqui. "No Rio de Janeiro, como qualquer outra metrópole, mesmo acompanhado, a sensação era de que se estava sempre sozinho", justifica.

Embora inaugurada desde abril de 1960, Brasília permanecia incompleta com várias obras a serem concluídas, algumas ainda a serem iniciadas, como a Asa Norte. "Havia apenas alguns barracos de madeira na W3 Norte", conta. "A única com construção de alvenaria ficava na altura da 507/8 e pertencia a uma loja chamada Mundo das Tintas", com-

pleta. Sem conhecidos aqui, Alegria hospedou-se em um hotel chamado Bagdá, que funcionava na altura da 702 Norte.

A hospedagem no pequeno estabelecimento de madeira não demorou. Decidido a permanecer no Planalto Central, Alegria alugou duas lojas na galeria comercial do Hotel Nacional. O hotel era um dos locais mais freqüentados pelas autoridades e personalidades que visitavam Brasília. Os ministros do Supremo Tribunal Federal moravam lá. Reis e rainhas, em visita oficial ao governo brasileiro, hospedavam-se no hotel. "Era uma referência de status nacional", afirma Alegria.

O movimento intenso do hotel

atraía os moradores da cidade e agitava as lojas que funcionavam na galeria em frente à entrada principal. Na galeria funcionavam uma casa de chá, uma sapataria, o banco Lar Brasileiro, uma loja de jornais e souvenirs que se chamava A Legenda e um espaço onde eram ministrados cursos de arte. Além dos serviços e mercadorias oferecidas, o ponto possuía uma das vistas mais privilegiadas da capital. "O horizonte era perfeito, sem o Conjunto Nacional e o Conic, via-se toda a Esplanada dos Ministérios", recorda-se o português.

## Livraria Encontro

As duas lojas alugadas por Ale-

ria deram espaço a um dos mais importantes centros culturais da cidade na década de 60 — a Livraria e Galeria Encontro. Além de contar com as principais novidades literárias da época, Alegria organizava exposições de arte, conferências e outros eventos. No subsolo, havia uma estrutura pequena para apresentações teatrais.

Com poucas opções de entretenimento e cultura na cidade, a livraria tornou-se rapidamente ponto de encontro e confraternização de intelectuais, políticos e estrangeiros. Alegria fazia de tudo para não decepcionar os clientes. "O presidente Costa e Silva mandava oficiais comprarem li-

**A VISTA DA ESPLANADA DOS MINISTÉRIOS ERA UMA DAS PREFERIDAS DE VICTOR, QUE COMPROU LOJA NO HOTEL NACIONAL**

vros comigo para sua biblioteca particular", conta. "Lembro-me de uma vez em que ele queria uma edição do livro *As Lusíadas* encadernada, difícil, e eu tive que providenciar", conta.

A Encontro funcionava todos os dias até o último cliente, inclusive aos finais de semana, ficando aberta até as duas, três horas da manhã. Para ajudá-lo, Alegria contratava os funcionários que se ofereciam e treinava-os, tornando a livraria uma espécie de escola quando a cidade ainda não tinha nem Secretaria de Cultura. "Muitas pessoas que movimentam hoje a cultura local foram meus funcionários", afirma.

Sem moradia certa, Alegria seguiu o exemplo de vários comerciantes da cidade e passou a viver no primeiro andar da loja.

## Perseguição política

Mesmo com os períodos de crise pelos quais a cidade passava, Alegria não tinha dúvidas quanto à consolidação de Brasília como capital federal. "Era óbvio que a cidade se desenvolveria", diz. Mas os boatos de retorno da administração federal para o Rio de Janeiro prejudicavam a todos. "A cidade passava por períodos de grande vazio, com pouquíssimo movimento nas ruas, o comércio quase parado e as construções paralisadas", recorda-se. "Neste períodos, dizia-se, por exemplo, que a única coisa que funcionava

C19  

## PIONEIROS

Cansado da ditadura salazariana, em Portugal, o pioneiro mudou-se para o Brasil. Quinze dias depois de chegar ao Rio de Janeiro, veio conhecer Brasília e decidiu ficar



O CASAMENTO DE VICTOR COM MARIA ÍSIS FEZ COM QUE O PIONEIRO TROCASSE SOBRADINHO PELO PLANO PILOTO

66  
**A CIDADE PASSAVA POR PERÍODOS DE GRANDE VAZIO, COM POUQUÍSSIMO MOVIMENTO NAS RUAS, O COMÉRCIO QUASE PARADO E AS CONSTRUÇÕES PARALISADAS. NESTES PERÍODOS, DIZIA-SE, POR EXEMPLO, QUE A ÚNICA COISA QUE FUNCIONAVA AQUI ERAM OS AVIÕES 99**

aqui eram os aviões", comenta.

O golpe militar, segundo o português, ajudou a firmar de vez a capital em Brasília. As preocupações políticas nacionais tornaram-se outras e, além disso, era estratégico para o governo federal, com o Congresso fechado, permanecer no centro do país, longe do litoral.

Os anos de ditadura, entretanto, não foram felizes para Alegria, que havia partido para o Brasil em busca de paz. Como responsável pela venda de livros na capital federal, Alegria era mantido no alvo dos funcionários responsáveis por censurar qualquer material considerado "subversivo". O critério de julgamento era pessoal e indiscutível. Por causa disso, Alegria foi preso duas vezes. Na primeira, o motivo foi a comercialização de uma edição comentada do livro *Diário de Che Guevara*. Alegria ficou enclausurado por dois meses e meio.

Na segunda vez, em 1976, Alegria foi preso por ser o responsável pela redação de uma coluna literária no *Jornal de Brasília*. A prisão durou cerca de quatro meses

e foi suficiente para desanimá-lo a manter a livraria Encontro aberta. "Era muito difícil trabalhar sob ameaça constante", diz.

Em busca de uma nova moradia, Alegria comprou uma casa em Sobradinho, onde montou a gráfica e editora Coordenada. "Escolhi a cidade porque ficava na região serrana do Distrito Federal e eu gostava do clima de lá", afirma. "As ruas da cidade ainda não eram asfaltadas e a estrada que levava até lá era uma pista de mão e contramão, muito perigosa", completa. Vendo a cidade no tamanho que está hoje, Alegria se surpreende. "Ninguém imaginava que Sobradinho cresceria porque ficava próximo à zona rural".

Em busca de preços mais baratos, Alegria montou o depósito de livros da editora em Formosa. A gráfica passou a participar de concorrências públicas para fechar contratos com o serviço público federal. Para mostrar a infra-estrutura da empresa, Alegria ia até o Plano Piloto buscar os possíveis clientes. Os serviços gráficos sustentavam a paixão de Alegria — a

edição e publicação de livros.

Alegria permaneceu em Sobradinho por cinco anos, até casar-se com Maria Isis Bezerra de Mello, no início da década de 80, quando passou a viver em um apartamento na 105 Norte.

A gráfica foi transferida para uma construção de madeira, no início da W3 Norte, e passou a se chamar Thesaurus. Em 1986, Alegria comprou um terreno no Setor de Indústrias Gráficas e deu início à construção do prédio de 2,5 mil metros quadrados onde a editora funciona hoje. Na década de 90, o reconhecimento de Alegria como personalidade importante da cultura literária local o levou a participar da organização da Feira do Livro, entre 1992 e 1997.

Hoje, enraizado na cidade que escolheu para viver, Alegria sonha ver aberta pelo menos uma biblioteca pública em cada cidade do Distrito Federal. Continua também a organizar encontros, exposições e conferências nas instalações da editora e a apoiar a produção literária local.

### Raio X

Nome: Victor Alegria  
Idade: 67 anos  
Origem: Arouca, Portugal  
Ano de chegada a Brasília: 1963  
Profissão: Editor  
Esposa: Maria Isis Bezerra de Mello  
Filhos: Tagore, Manuela Raquel, Marcelo, Andrea e Lídia Gabriela  
Netos: Daniel e Suzana